

A ARTE DE SANGRAR

MARIELEN BALDISSERA

Resumo: Para recuperar um corpo que é seu, mas não lhe pertence de todo, muitas artistas feministas utilizam como estratégia retratar a si mesmas. Neste ensaio, autorretratos funcionam como ponto de partida para representar algo que pode ser considerado como abjeto na corporalidade feminina: o sangue da menstruação, do parto, da violência e da vida. Ao trazer textos sobre vivências pessoais que envolvem contato com vulnerabilidade e força, coloco-me como um “eu” que inclui as outras, falo de mim para falar de traumas coletivos. A partir de premissas e temáticas que me são sugeridas por intervenções urbanas encontradas em pesquisa de campo (pichações, lambe-lambes, estênceis, etc.), apresento um recorte de algumas colagens que compõem minha tese de doutorado em andamento. Durante o processo de criação revisito meu arquivo de fotografias e realizo montagens misturando técnicas analógicas e digitais, como fotografia, desenho e pintura. Em minhas colagens a apropriação se dá pela presença de frases e desenhos riscados nas ruas por outras mulheres, imagens recortadas de revistas, e também de obras de arte, como esculturas e pinturas que fotografei em museus. Tenho como referência artistas que trabalham e trabalharam com questões do sangue e do corpo feminino, como Ana Mendieta, Judy Chicago, Zanele Muholi e colagistas como Carmen Winant, Hannah Höch e Annegrete Soltau.

Palavras-chave: sangue, menstruação, arte feminista, colagem, apropriação.

THE ART OF BLEEDING

Abstract: Many feminist artists use self-portraits as a strategy to reappropriate their bodies. In this essay, self-portraits are the starting point to represent something that can be considered abject in female corporeality: the blood of menstruation, of childbirth, of violence and life. Writing about personal experiences that involve contact with vulnerability and strength, I place myself as an “I” that includes others, I speak of myself to speak of collective traumas. Based on themes found in urban interventions during field research (such as graffiti, paste ups, stencils, etc.). I present some collages that are part of my ongoing PhD thesis. As part of my creative process, I revisit my photography archive and make montages mixing analogue and digital techniques, such as photography, drawing and painting. I make my collages through the appropriation of phrases and drawings painted on the streets by other women, images cut out of magazines, and also works of art that I photographed during museums visits. Artists who have worked with issues of blood and the female body are references for me, such as Ana Mendieta, Judy Chicago, Zanele



Muholi and collage artists such as Carmen Winant, Hannah Höch and Annegret Soltau.

Keywords: blood, menstruation, feminist art, collage, appropriation

Marielen Baldissera. Artista e pesquisadora. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CAPES, mestra em Artes Visuais na linha de Poéticas Visuais e bacharela em Artes Visuais pela UFRGS. Participa do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) da UFRGS e do grupo de pesquisa Gênero, Imagens e Políticas. Pesquisa sobre mulheres artistas, feminismo e temáticas de gênero utilizando fotografia, colagem, desenho e técnicas híbridas. É cofundadora do coletivo Nítida - fotografia e feminismo, grupo de fotógrafas que discutem a inserção das mulheres no campo fotográfico e do Mulherio Urbano, coletivo de artistas feministas. Como artista visual participou de diversas exposições coletivas e também individuais.

RELAÇÃO DE OBRAS:

Incômodo, 2018. Fotografia digital e papel manteiga manuscrito.

Sem título, 2020. Fotografia, colagem e desenho digital.

Alívio, 2018. Fotografia digital e papel manteiga manuscrito.

Peço perdão, 2020. Fotografia e colagem digital.

Nada pode te incomodar, 2020. Colagem digital com imagens apropriadas de propagandas de revistas.

O útero, 2020. Fotografia, colagem e desenho digital.¹

Com dolore partorirai, 2020. Fotografia, colagem e desenho digital.

Ça vulve e toi, 2020. Fotografia, colagem e desenho digital.

Sem título, 2020. Fotografia e colagem digital.

¹ As frases pichadas nos muros das cidades e fotografadas por mim são anônimas na maioria das vezes, mas, algumas são inspiradas em declarações famosas, como por exemplo, o título do livro da poeta Angélica Freitas, “Um útero é do tamanho de um punho”, publicado em 2012, presente na colagem digital intitulada “O útero”.

Imagem de

Quando eu nasci, minha mãe comprou um par de brincos de ouro para colocar nos meus olhos. Comprei com o dinheiro que mãe possuía então. Apesar dos quilates, meu corpo não aceita. As orelhas infeccionaram de tal forma que o uso de brincos foi abandonado e o par foi vendido. Com a chegada da pré-adolescência, eu quis furar novamente os olhos, queria muito usar brincos, todas as meninas usavam. Fiz dois furos em cada orelha, para dois tudos de uma vez. Agora os brincos eram de aço cirúrgico, os furos foram feitos na farmácia e eu tomei doxonas. Meu corpo, novamente, não aceita. Mas dessa vez eu tinha furo para lutar contra ele, e lutei por anos, tratando da dor e das infecções e inflamações que tinham imensamente. Devo, que a lutei. Aprendi a dilatar os orifícios e utilizar estratégias para manter os furos abertos. Pois se não controlasse, eles fechavam, e abria novamente uma dor muito. Agora, já foi algum tempo que eu penso de brigar com meus olhos. Deixei meus furos fecharem, por eu de me violentar, mulheres não precisam usar brincos. Se eu quisesse, eu posso abrir os furos novamente, mas vai doer, vai sangrar.

Este relato tem camadas de significados pessoais e sociais. As mulheres não são vistas como fêmeas desde que marcam, abriam dois lugares em seus olhos e uma forma de fugir disso. Nosso corpo é perfurado sem que possamos dizer não. É necessário deixar bem claro quem pertence ao sexo feminino, e isso precisa estar visível, precisa ser físico. A menina já começa desde muito cedo a cumprir sua missão de ser bonita e satisfazer aos outros.

Eu continuo achando brincos lindos e, se pudesse, usaria. Ao mesmo tempo ainda me sinto nesse processo dolorido, como em tantos outros que agem em favor da estética. Mas é sempre bom pensar sobre os motivos pelos quais nos machucamos e machucamos as meninas. Conseguir se olhar e se respeitar em detrimento do social, quando possível, é importante. O princípio da não violência contra si mesma vai de encontro com o abandono de vários comportamentos que foram criados para a construção do ideal de feminilidade.





Alívio

Tomei pílula anticoncepcional durante anos, ou seja, anos angustiosos, não sei dizer exatamente. Comecei a tomar para "regular o ciclo", pois "sangramento de mais". Estava com quarenta anos e com o início de uma amenia, segundo o médico, não poderia perder tanto sangue. Na verdade eu nunca pude saber se realmente sangrava demais, ou como o meu ciclo funcionava, pois desde muito cedo foi controlado por hormônios artificiais.

Não conheço a pílula e não a vejo como uma inimiga, pois quando ela está ali há sempre um amigo em meus braços. Demora um tempo para tomar conta de si e saber dizer não. É preciso dizer muitos não quando a possibilidade de uma gravidez está jogada somente sobre os ombros da mulher. O homem coloca a comunidade de primeira sem precisar pedir, sem ter de dizer "não, não dá", é uma facilidade.

Tornar-se sempre foi muito fácil e conveniente saber exatamente quando a menstruação viria, ou decidir não menstruar por alguns meses. O sangue sempre foi um inimigo. Até que decidi viver o jogo viver o jogo e dar uma chance para meu corpo resistir. Com o "não" aprendido o air duto, que me conheceu melhor. Assim pude saber que olhar para o céu a noite é importante, e que a lua cheia é minha aliada. Com o copulador pude ver quão, eu não sangro demais. E que o nervosismo, que já era minha cor preferida, é lindo. O não para os outros foi uma abertura ao sim para mim mesma.

O homem só tem de lidar com sangue em situações de dor, certo, dor, co, violência. A mulher tem outra relação com o sangue, e também essa conexão é sentida desde cedo, condenada como suja e transformada em tal. Acaba por viver uma angústia, uma dor, uma violência. Hoje sinto meu sangue como um sinal de que está tudo bem, tudo está funcionando, e o ciclo com alegria, apesar das dores. Pensei de um momento a um alívio.





Peço perdão mas
ninguém quer saber da
menstruação das mulheres,
parem de criar narrativas que não
existem





which tampons are best for swimming

NADA PODE TE INCOMODAR

It's a Tampon. You shove it up your vagina.

Swim Your With Period

Does not matter what you are doing during day the menstrual cup is safe and can be used for up to 12 hours

FEEL FREE!

Let Yourself Free and Comfortable. Get Rid of The Binding. You Can Swim, Dance, Play or Run with Menstrual Cup.

O ÚTERO É DEUS

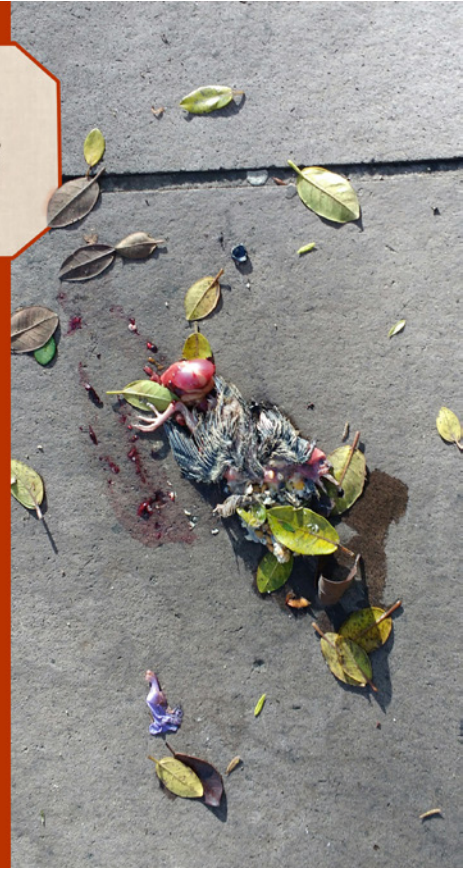
O ÚTERO É do tamanho de

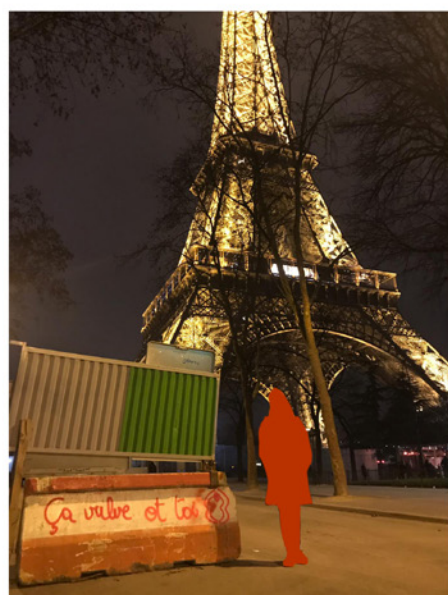
um punho.

O ÚTERO É LAICO

O útero É MEU

*disse alla donna
con dolore partorirai figli
e tuo marito ti dominerà*





Ça vulve et toi 🍆
Ça vulve et toi 🍆
Ça vulve et toi 🍆
Ça vulve et toi 🍆
Ça vulve et toi 🍆
Ça vulve et toi 🍆

